

**Discurso que deveria ter sido pronunciado na Faculdade de Direito de S. Paulo na recepção do Dr. Epitácio Pessôa, e que não o foi por motivo de força maior.**

Foi em Setembro de 1893 que, pela primeira vez, em todo o Brasil, se repetiu o nome do grande estadista que hoje se acha no fastigio do poder, em nossa querida Patria. Agitada ainda pelas convulsões que se haviam seguido ao seu estabelecimento, mal ensaiava a republica os seus primeiros passos no Brasil e os espiritos dos patriotas dividiam-se na interpretação do código fundamental, que constituia o palladio de nossa liberdade. Estava o paiz febricitante, pulsava-lhe o coração com força e rapidez, e os patriotas cheios de desvelo pela conquista que haviam feito 4 annos antes, em 1889, estremeciam a fórmula republicana, e, no zelo de quem ama, viam, por toda a parte, a violação das promessas formuladas em nossa Constituição de 1891. Não se mediam sacrificios no serviço da patria, e o Congresso era a arena em que se disputava com ardor, em prol das mais adiantadas ideas liberaes. Já pertence á historia essa epoca memoravel, em que verdadeiramente se estabeleceu a republica no Brasil, e, pelo que a memoria dos homens e os registos da historia referem, bem se mostra que o succedido em 15 de Novembro de 1889 não passou de um prologo do que se daria em 1893, quando verdadeiramente se firmou para sempre, o novo regimen em uma lucta entre os elementos

republicanos puros, na qual se verificou estarem os brasileiros promptos para derramarem a ultima gotta de sangue em defesa da verdade do regimen. Lucta civil cruenta, mas bella; longa, mas de resultados salutaes; cheia de lagrimas, mas destinada, como diziam os jornaes daquelle tempo, a dar ao paiz com uma atmosphaera pura limpida serena transparente, no dia em que se desfizesse a ultima fumaça do derradeiro tiro de canhão disparado na longa guerra. Não houve, como não deveria haver, em tão nobre campanha, vencedores, nem vencidos, e, ainda hoje, alguns estrangeiros invejosos da grandeza de nossa patria, procuram ridicularizar a bravura de nossos patricios, objecto que foi do estudo dos mais habéis estrategistas allemães, tão cuidadosos em ter conta exacta de quanto se faz de notavel na arte bellica em qualquer recanto do mundo.

Mas vamos ao que nos interessa: qual o papel do eminente estadista nessa pugna heroica de que conservam memoria quantos amam a patria, quantos registam a evolução por que passaram as instituições liberaes em nosso adorado Brasil? Foi a primeira prova que, de vasto descortino, deu o grande estadista, o illustre mestre, o internacionalista de reputação mundial, o publicista inegalavel, o tribuno sempre vigilante, o advogado sempre attento, cheio de dedicação pela causa que lhe foi confiada, o prognosticar, propheta inspirado, a tempestade que ameaçava cobrir de lucto, de sangue, de lagrimas, o solo sagrado da patria. Assim como nas tardes serenas, quando os descuidosos contemplam embevecidos uma nesga do mais limpido azul do firmamento, e extasiam-se diante da transparencia da atmosphaera, a qual deixa admirar um céo ceruleo e puro, o cauteloso nauta loriga, ao longe, muito longe, uma leve nuvem que, *do vento rodeada*, se aproxima mais e mais, precedida das celeres procellarias, ominosas e lugubres e observa que a nuvem cresce, domina o

firmamento, cobre a luz do sol, ameaça, despede raios, trovões, bolidos, ruga e fulmina, fazendo tremer o colossal transatlantico, transformado em casca de noz no immenso oceano, negro, ullulante, colerico, espumante, terrivel, abrindo seu seio, de modo a parecer querer deixar ver as profundezas do abysmo, para logo formar montanhas de agua, assim, em Setembro de 1893, á festa no theatro lyrico, descripta por Alcindo Guanabara, succedia o troar da artilheria na bella cidade do Rio de Janeiro. Mas só um espirito de escol, uma intelligencia lucida e previdente, um homem dotado de excepcional poder de visão, lendo no futuro com a clareza com que Isaias, o 5.º evangelista, descrevia o martyrio de Christo, poderia proferir o discurso que passou para as paginas eris da historia, e que constituirá o assombro dos posteros pela profundez dos conceitos, pela nitidez, pela precisão com que prognosticava a tormenta gigantesca.

Desde então, estava firmada a reputação do estadista que, semelhante ao astro rei, attingia rapidamente o zenith, mas, differente do sol nunca descambou para o horizonte, não teve occaso, nem o terá por felicidade da patria, que poz nelle todas as suas esperanças. Sua trajectoria luminosa a todos impressionou, e todos vêem que continúa a ser, em seu elevadissimo posto, mestre acatado, juiz intemerato, estadista clarividente e de largas vistas, zelando os interesses da patria, respeitado dentro e fóra do Brasil.

Na cadeira de magistrado, mostrou-se puro, douto, laborioso, interessando-se pela sorte do pobre, da mesma fórma por que zela os direitos do rico, velando pela justiça, de modo que se affirmou que nunca, como relator, vira o alto Tribunal a que pertencia se afastar de um unico de seus relatorios, no votar a decisão; procurador da republica, deixou, nas paginas dos autos, nos archivos do tribunal, licções que os vindouros admirarão, e que constituem o mais bello e vivo commentario aos

preceitos mortos das nossas leis; estadista de largas vistas, é, hoje que se acha no supremo cargo da republica, o alvo constante da attenção de todos os verdadeiros patriotas. Foi por esse trabalhar indefesso, por esse zelo constante pela causa publica, já na qualidade de notavel diplomata, já na de juiz, já na de representante da republica, já enfim sentando-se no senado federal, e trabalhando ainda ali com o mesmo ardor que tivera na Faculdade, no tribunal, na camara dos deputados e no senado, que teve de ser aproveitado no momento gravissimo em que se tractava de reconstituir o mundo, de dar novas bases á organização social, depois de finda a conflagração européa, na qual tão generosamente tomámos parte, sempre em defesa dos direitos dos fracos e dos opprimidos, sempre em prol da humanidade contra o poderio dos imperios centraes da Europa, que ameaçavam a liberdade dos povos menos adestrados na arte bellica. A quem confiar tamanho trabalho, tão grande empreza, tão grave responsabilidade? Não era facil encontrar um homem capaz de enfrentar os luminares que, de todos os cantos do mundo culto, partiam a reunir-se no fóco da civilização, pouco tempo antes ameaçado pela brutalidade dos ferozes povos do centro da Europa. Voltaram-se as vistas para aquelle que codificára o Direito Internacional Publico, para quem fôra sempre o zeloso, o incançavel lutador pela felicidade da patria, para o mestre acatado conhecedor de todos os segredos do Direito, o internacionalista respeitado, o juiz purissimo, o parlamentar inspirado, o genio tutelar da patria brasileira, e elle foi indicado pela opinião publica, para defender os interesses do Brasil na grande patria de Victor Hugo e de Thiers. Si a França, grata pela attitude de Thiers na reconstrucção do paiz assolado pela Allemanha, pode exclamar “Elle salvou a patria”, não será com menos razão que o Brasil, recordando-se de que não tinha quem tomasse sobre seus

hombros o encargo de lhe defender os interesses na nova organização que se planejava após a conflagração exclame “Elle salvou a patria”, repetindo a phrase que sahio espontaneamente do peito da França renascida.

Foi a cadeira presidencial o premio a tanto esforço, e nella continuou o grande patriota a curar dos interesses da nossa querida patria ainda na questão dos navios, tomados por nós á Allemanha, problema com que se tem entretido tão longamente as nações, sempre difficultando dar-nos o que nos pertence, e o que reclama com attenta e louvavel insistencia o grande homem a quem a patria confiou a defesa dos seus mais sagrados direitos, que teme sejam conculcados pelos poderosos da terra.

Não se julgue que pôde, por um momento que seja, repousar o chefe de Estado a quem hoje confiou a nossa Patria seus destinos, seguro de que nenhum detrimento soffrerá ella das nações estrangeiras, e de que estas não se aproveitarão de qualquer descuido daquelle que deve ser tão vigilante quanto o nauta dever cujo é attentamente observar, sem um instante de fraqueza, o céu e o oceano. Um pouco de distracção, e nossa patria será victima do egoismo que, segundo a aguda observação de Eduardo Prado, tem, infelizmente, sido o unico movel de todos os actos nas relações internacionaes, excepto nos momentos angustiosos quando o perigo commum força os povos a unirem-se.

Um rapido bosquejo do modo por que tractava a mãe patria ao Brasil no seculo XVIII e no começo do seculo XIX, fará ver quanto cuidado devemos ter para fuggindo de uma condemnavel xenophobia, evitarmos que o estrangeiro abuse de nossa bondade, e tente mesmo se apoderar do solo sagrado de nossa patria pela invasão armada ou pela machiavellica, pela fórmula astuta da immigração com intento de dominar, e não de se constituir nosso irmão.

Já em 1732, era tal a opressão de que se sentia victima a terra que depois seria o grande imperio brasileiro, e que hoje é a republica de que podemos nos orgulhar, que, segundo o notavel historiador patrio Pereira da Silva, fundado em documentos inconcussos, "se viu obrigado o tribunal do conselho ultramarino a pedir ao throno providencias contra os abusos que, na colonia, praticavam seus delegados. E' celebre a memoria que dirigiu ao rei pintando sob cores carregadas o estado lamentavel do Brasil, a opressão dos povos e as extorsões cometidas contra os seus bens e propriedades, e manifestando temores de que se exasperassem os animos dos subditos, perdessem estes o amor á metropole e se lançassem nos braços de nações estrangeiras" Só em 1771, quando despachado José de Vasconcellos e Souza governador e capitão general de Goyaz, deu o Marquez de Pombal algumas instrucções, em 113 artigos, "para pear algum tanto as arbitrariedades dos governadores das capitancias", funcionarios improbos e prevaricadores. Até 1797, nem mesmo era licito aos moradores usar das salinas de Pernambuco e Cabo Freio, e, ainda nesse anno, por maior que fosse a opposição dos brasileiros, essa prohibição foi levantada com muitas restricções, entre as quaes a de não se exportar a mercadoria para outras partes da colonia: assim, só se abrandavam os rigores das cartas regias de 28 de Fevereiro de 1690 e de 18 de Janeiro de 1691. Tudo eram monopolios em favor do Reino, estancos, privilegios, e nelles se comprehendiam as madeiras, classificadas pelo padrão que convinha á metropole, garrotando-se dest'arte a industria. Não era permittida a extracção do ferro, porque, diziam, o do reino constituia droga melhor. A carta régia de 9 de Agosto de 1706 prohibiu a extracção do salitre na Bahia. Prohibiu-se a criação de animaes muares e cavallares de certas raças, como se vê pelas instrucções de 29 de Janeiro de 1786,

lançando-se até um imposto sobre as bestas existentes em Minas. Vedou a metropole a cultura da canna de asucar em Minas, e depois estendeu-se a prohibição á capitania de Maranhão. Digna é de exame, a este proposito, a carta régia de 19 de Junho de 1761. A matança dos animaes que fossem exportados era uma das penas que a crueldade do Reino ideára para anniquilar a industria brasileira. O alvará de 7 de Agosto de 1761, segundo Pereira da Silva, chegou ao ponto de prohibir que se lançassem no Recife foguetes ali fabricados. Seria ridiculo, como pensa o historiador, si não fosse barbaro. A carta régia de 30 de Julho de 1736, mandada executar com as instrucções reservadas de 5 de Janeiro de 1785, causou a ruina de muitas officinas de ourives, de muitas forjas de gravadores. Diziam, depois de referir com visivel inveja as riquezas de nossa patria, as instrucções aos vice reis: “Ora, se a estas incontestaveis vantagens reunirem as da industria e das artes, para o vestuario, luxo e outras commodidades, ficarão os mesmos habitantes totalmente independentes da metropole. E’ por consequencia de absoluta necessidade acabar com todas as fabricas e manufacturas do Brasil” E’ textual, e ha quem queira ainda se descuidar da vigilancia eterna que devem ter nossos interesses no estrangeiro. Não quero continuar no exame do que foi a oppressão da metropole, que só terminou quando, em 1822, se deu a independencia da patria, sonho dos conjurados de 1789, e particularmente do protomartyr da liberdade neste solo abençoado. Seja-me só permittido referir que nenhuma industria foi mais odiada que a do invento de Guttemberg, a *inefabilis dea*, na phrase poetica de Castro Alves. Não houve phantasma mais tremendo para o Reino de Portugal.

Não foi porém só o Reino de Portugal que procurou opprimir a nossa patria. Livre que foi o Brasil, já não pode fazer muito contra nós essa terra pequena e fraca, e hoje se limita a escrever em seus jornaes contra os nossos heroes e contra as nossas familias. Das denominadas potencias é que devemos esperar os ataques. Clovis Bevilacqua os refere em rapido escorço. E' a questão Cristie com o naufragio da barca Prince of Walles, e com a prisão dos officiaes da fragata Forte E' a questão Roussin com a França em 1828. E' a violencia do navio inglez Rifleman contra o nosso navio *São Sebastião*. E' o attentado á nossa soberania pelo navio inglez Cormorant em Paranaguá. São as multiplas e humilhantes vexações de que se occupou Paranhos, em nota de 6 de Abril de 1856. Não quero referir-me a factos contemporaneos, quotidianos, de que todos temos noticia pelos jornaes de data recentissima. Não quero recordar, por estar muito fresco em nossos corações, o resentimento pelas ultimas complicações com a França, no Amapá, com a Italia, ao tempo da revolta da armada, e com os Estados Unidos do Norte, objecto de uma notabilissima monographia de Eduardo Prado. Eu desejo só que todos os brasileiros estejam vigilantes “ne quid sit detrimenti reipublicae”, em auxilio daquelle que constantemente vela pela nossa patria, que foi o representante do Brasil na reorganização do mundo culto, e que, conhecedor do que são os sentimentos dos povos, enquanto não houver alguma liga definitiva, organizada *a civistas maxima*, está sempre providenciando para que a nossa estremecida patria não se veja forçada a desembainhar sua espada, afim de defender seu logar ao sol, que Deus creou para aquecer a todos os homens. E' esse o mais importante encargo que a patria confiou ao grande homem cuja vida foi o sacrificio de todos os seus momentos ao bem estar do Brasil.

Não posso deixar de occupar-me com o acto de justiça que para commigo teve, mantendo sua linha de acção, conservando a norma de bôa distribuição de justiça em que nunca falhou, em que não teve um deslize, uma fraqueza. Contra minha nomeação, levantavam-se os poderosos, aquelles que neste mundo dominam numa certa parte da sociedade, e eu contava só com Deus e com o meu bom direito, tanto bastando para que me conservasse tranquillo, seguro de que contra mim não triumphariam as sinuosas operações urdidas na treva em prejuizo do meu direito e da causa da justiça. No alto posto de juiz que julgaria meu direito puzera Deus um homem integro, intemerato, incorruptivel, exemplar, de passado que era penhor seguro de seu futuro proceder, e eu me achava certo de que minha causa não corria perigo, e dormia com o socego do crente que tem certeza que Deus está sempre vigilante, e que tudo se faz de accôrdo com a Sua vontade omnipotente. Minha fé na bondade divina não teve motivos para ficar abalada, como não teve minha confiança no grande estadista razão para perder sua firmeza.

Conserve Deus por muitos annos o grande homem que honra sua patria, e que é parte para que ella seja respeitada no estrangeiro, e tenha sua vida interna sabiamente dirigida.

BRAZ DE SOUSA ARRUDA.

